

**BRASIL E CABO VERDE: ELEMENTOS EXTERNOS E INTERNOS,
DIÁLOGOS ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO**

Márcia Elizabeti Machado de Lima (UNEMAT)

Em consonância com a linha de pesquisa “Literatura e vida social em países de língua portuguesa” do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários/PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), estudamos as obras *Capitães da Areia* (1937) do brasileiro Jorge Amado e *Cinco Balas Contra a América* (2009) do cabo-verdiano Jorge Araújo. A primeira ambientada no espaço urbano da cidade de Salvador, Bahia, da primeira metade do século passado, mas que se assemelha ao contexto do século XXI, de qualquer espaço urbano brasileiro. A segunda recria a realidade sócio-histórica do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) na cidade de Mindelo, Cabo Verde. Identificamos vozes e conexões entre realidade e ficção, entre seres de papel e sujeitos históricos, o que tomamos como discurso literário engajado, como estratégias de construção da verossimilhança empregadas pelos dois autores. Em relação a Jorge Amado, como supostamente referencia a realidade na abertura da narrativa, nas reportagens e cartas ao Jornal da Tarde. Em Jorge Araújo, na conclusão da trama, na pequena biografia de cada um dos personagens, em que informa ao leitor os rumos do destino de cada um. Assim como nos rodapés em que explica a origem dos nomes e apelidos das personagens. O que aponta para o papel do intelectual, que pela arte da palavra reconstrói a realidade, que busca por meio do ofício de escritor, a desalienação e o diálogo com o leitor, mostra ação e integração com o mundo, faz da criação ferramenta de luta.

Palavras-Chave: Personagens. Literariedade. Engajamento. Interdiscursos.

É separável o conteúdo de um romance da forma como responde à pergunta acerca de como traduzir a experiência da realidade em formas específicas? Não é a história de todo romance mais uma evocação da história que uma correspondência com a história?
(Carlos Fuentes, grifos do autor).

1 INTRODUÇÃO

Escolhemos iniciar na esteira do que se prenuncia na epígrafe enunciada por Fuentes, por visualizarmos nela a essência do que sintetiza o conceito de “engajamento literário”, a despeito do que autores e épocas diferentes têm se digladiado. A temática das obras é importante? Sim, sem dúvida, porém, há que vir “embalada” em uma forma que seja capaz de

transcender/recriar o real, perfazendo o caminho da “dialética externo/interno” de que fala Abdala Júnior (1989), pela tessitura que imbrica alusões sócio-histórico-políticas, na feitura das obras em que, “Dialeticamente, a enunciação leva o indivíduo a confluir para o social, o regional para o nacional, o particular para o geral [...]” (p.11). Com vistas ao que afirma o mesmo autor: “Os textos engajados trazem em suas formas, além das marcas ideológicas que nos remetem ao escritor e à sociedade, codificações apelativas para sensibilização da consciência do leitor [...]” (p.14).

Interessa-nos, aqui, interpretar como Jorge Amado apresenta ao leitor, no prólogo da obra, o que se configura matéria do romance, a vida e as peripécias dos capitães da areia, nas “Cartas ao Jornal da Tarde”.

Em Jorge Araújo, as estratégias de construção da verossimilhança se dão pela via de epígrafes e informações em notas de rodapés. Ao que se acrescenta no último capítulo “Bala Final”, a biografia das personagens, como se houvesse a necessidade de informar ao leitor os rumos do destino dos “seres de papel”. É Como se tivessem existência fora do espaço da obra e ganhassem vida, dando continuidade às suas trajetórias.

Para fins de apresentação, resumimos as duas obras em pauta: *Capitães da Areia* estrutura-se em quatro partes. Antes, porém, de adentrarmos à narrativa propriamente dita, temos o Prólogo “As Crianças Ladronas”, em que se apresentam os meninos, os “capitães da areia”, pelo veículo de comunicação “O Jornal da Tarde”, da cidade de Salvador-BA. Em que se publicam cartas que seguem anunciando em diferentes vozes: os feitos, os crimes e o tratamento dispensado aos meninos, no “Reformatório de Menores”.

Na sequência, com o título “Sob a lua num velho trapiche abandonado”, inicia-se poeticamente a narrativa, nos moldes da contação de histórias, “Antigamente aqui era o mar...” (AMADO, 1997, p.19). E sob a forma de histórias independentes, passamos a conhecer os “capitães da areia”, em que, metonimicamente, são nomeados de acordo com características físicas e/ou de suas personalidades e perfis psicológicos: Pedro Bala, Professor, João Grande, Sem Pernas, Querido-de-Deus, Pirulito, etc.

Na segunda parte "Noite da Grande Paz, da Grande Paz dos teus olhos", em meio às agruras das personagens, narra-se cenas de amor e de morte, de iniciação ao amor e de luta pela sobrevivência.

A terceira e última parte mostra a desintegração do grupo dos Capitães da Areia, conforme vão se delineando os seus destinos, à medida que vão atingindo a fase adulta.

Já no século XXI, setenta e dois anos depois, o cabo-verdiano Jorge Araújo abre *Cinco Balas Contra a América* com a epígrafe de Napoleão Bonaparte “Aos olhos daqueles que fundam impérios, os homens nada mais são do que ferramentas”. O que nos indica o tom que Araújo pretende dar à narrativa organizada em capítulos intitulados: “Bala 1”, “Bala 2”, “Bala3”, “Bala 4”, “Bala 5”, “Bala Perdida” e “Bala Final”. O enredo traz o contexto sócio histórico das lutas por independência, no espaço da cidade cabo-verdiana de Mindelo, recriando aquela realidade. A trama conta com personagens juvenis recrutados pelo PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde), a quem é entregue a missão de defender o território de possíveis ataques. Assim, no espaço temporal de uma noite, os protagonistas experienciam física e emocionalmente, os medos de um embate com o inimigo político-ideológico, as tropas norte americanas.

Os capítulos são nomeados em função do número de balas entregues aos personagens, para serem usadas em face da necessidade de defenderem a si e à causa da luta.

Na conclusão da trama, no último capítulo “Bala Final”, o narrador surpreende ao leitor com a biografia dos personagens. Como se saísse do gênero romance informa ao leitor os rumos do destino de cada um, em franco diálogo com lugares e acontecimentos históricos, tecendo críticas pela via da ironia.

2. DESENVOLVIMENTO

A questão da representação é um problema central do campo artístico. (...) a distinção entre experiência e convenção, fato e artefato, tem gerado inúmeras _ e por vezes controversas _ reflexões entre teóricos, críticos e artistas. (Vima Lia Martin)

No tocante às obras, aqui, estudadas, não há que se debater em torno das questões levantadas na epígrafe, uma vez que estamos convencidos de que o trabalho artístico se dá pelo imbricamento entre o social e o político, sem nenhum prejuízo do sagrado direito de criar. Nosso interesse, então, é desvendar

as formas pelas quais esse projeto de criação se efetiva, em Jorge Amado e Jorge Araújo.

De um lado temos a realidade social, a história, a cultura em que o cidadão-escritor vive, sente, pensa, sofre, alegra-se, como os demais cidadãos, portanto, produz vinculado ao lugar social que ocupa. De outro temos o compromisso do artista da palavra, que precisa equilibrar-se na “dialética externo/interno”, de que fala Abdala Júnior (1989), sob a pena de, ao não alcançar esse intento, não alcançar a categoria de boa obra literária. Ou dito de outra maneira, é preciso transformar “[...] a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma” (FISCHER, 1971, p.14).

Quanto a Amado, temos o cidadão militante no partido Comunista, no contexto da primeira metade do século XX. E é desse lugar, portanto, que move os cordões da peripécia e dá vida aos personagens com toda a sua complexidade. São, ao mesmo tempo, “crianças ladronas” e sobreviventes de um espaço hostil, em que enfrentam os mais variados tipos de opressão.

Assim é que, estrategicamente, nas “Cartas à Redação”, como se fosse o leitmotiv que impulsiona a narrativa, relata-se a notícia de um assalto praticado pelos capitães da areia e cobra-se providência. À notícia seguem-se as cartas, por meio das quais nos são apresentadas as diversas vozes que se contrapõem polifonicamente. As vozes que acusam e as que defendem ocupam espaços diferenciados no veículo de comunicação Jornal da Tarde, conforme as informações em rodapé. O que denota a parcialidade do veículo, levando-se em conta o grau de importância dos emissores dessas vozes e o lugar de onde se enunciavam. Se o teor fosse de acusação aos capitães da areia, de elogio ao reformatório ou ao juiz de menores, vinham nas primeiras páginas. Quando se tratavam de denúncias sobre maus tratos no reformatório, ocupavam da terceira página em diante, do jornal.

Nessas cartas endereçadas ao jornal se reclamam providências por parte do Juiz de Menores e do Chefe de Polícia a partir da reportagem sobre o furto na residência do Comendador José Ferreira, no “coração do mais chique bairro da cidade, em que ironicamente se define como [...] remanso de paz e trabalho honesto” (AMADO, 1997, p.11).

[...] O que se faz necessário é uma urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos Institutos de reforma de crianças ou às prisões [...] (AMADO, 1997, p.5).

A essa carta se seguem outras de mesmo teor, em que o Diretor do jornal, o Chefe de Polícia, o Juiz de Menores e o Diretor do Reformatório trocam elogios e reafirmam a necessidade de punir os “capitães da areia”:

Ainda nestes últimos meses que decorreram mandei para o Reformatório de Menores vários menores delinquentes ou abandonados. Não tenho culpa, porém, de que fujam que não se impressionem com o exemplo de trabalho que encontram naquele estabelecimento de educação e que, por meio da fuga, abandonem um ambiente onde se respiram paz e trabalho e onde são tratados com o maior carinho [...] (AMADO, 1997, p.9).

Por outro lado, dialogicamente, entram em cena outras vozes, os defensores dos meninos, em embate de ideias, inclusive sobre a atuação do referido reformatório que deveria acolher e recuperar os personagens adolescentes. Entre as vozes, a de uma mãe que assina como Maria Ricardina, costureira. “Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal do reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma” (AMADO, 1997, p.13). Essa carta foi publicada na quinta página do jornal, ao contrário das que condenam os personagens, que são publicadas em primeira página, conforme o narrador faz questão de nos informar.

Eis o contraponto entre a visão única do narrador e visões das demais vozes do texto, como recurso estilístico, como forma de aproximação da “verdade/realidade” da obra, a exemplo do que diz Auerbach sobre a narrativa moderna: [...] não se trata apenas de um sujeito, cujas impressões conscientes são reproduzidas, mas de muitos sujeitos, amiúde cambiantes [...]. Da pluralidade dos sujeitos pode-se concluir que, apesar de tudo, trata-se da intenção de pesquisar uma realidade objetiva [...] (2011, p. 483).

Segue-se à voz da mãe, a carta do Padre José Pedro. Como voz que destoa das demais vozes do Clero situado ao lado do poder, essa denuncia as condições do reformatório e os maus tratos dos que lá atuam,

[...] sou obrigado a sair da obscuridade em que vivo para vir vos dizer que infelizmente Maria Ricardina tem razão. As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. [...] e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos [...] (AMADO, 1997, p.12).

São essas, sem dúvida, todas elas vozes do cidadão-escritor Jorge Amado, que não se furta ao posicionamento, como faz questão de enfatizar e Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras: “[...] Jamais fui nem serei imparcial nessa luta do homem contra o inimigo do homem [...]” (MARTINS, S/D, p.14). A matéria prima das narrativas na literatura amadiana, portanto, é a representação do outro, seja pela perspectiva de classe, de gênero ou de etnia.

O que está em consonância com Benoit ao referir-se à prática da escrita engajada, “É inegável que sempre existiu uma literatura de combate preocupada em tomar parte nas controvérsias políticas” (2002, p. 10). O que não desobriga o autor a prezar pela forma “sem a qual ele [o autor] faria literatura de propaganda; é antes uma questão de [...] modificar-lhe o sentido, deixando de fazer disso um fim em si para tentar fazê-la servir às causas sociais [...] (BENOIT, 2002, P.25)”.

Assim, em resposta às denúncias da mãe e do Padre vem a carta do Diretor do Reformatório que ataca a mãe, chamando-a de “mulherzinha do povo” destila:

[...] o Reformatório cumpre a sua santa missão de educar os seus filhos. Elas os criam na rua, na pândega, e como eles aqui são submetidos a uma vida exemplar, elas são as primeiras a reclamar, quando podiam beijar as mãos daqueles que estão fazendo dos seus filhos homens de bem [...] (AMADO, 1997, p.13).

Em referência ao padre, o diretor do reformatório o chama “padre do demônio”, dizendo: “Desde que ele penetrou os umbrais desta casa que os casos de rebeldia e contravenções aos regulamentos aumentaram” (AMADO, 1997, p.14). E, na defensiva, coloca-se à disposição do Jornal para verificação das condições do Reformatório.

[...] Espero o vosso redator na segunda-feira. E se não digo que ele venha no dia que quiser é que estas visitas devem ser feitas nos dias permitidos pelo regulamento e é meu costume nunca me afastar do regulamento. Este é o motivo único por que convido o vosso redator para segunda-feira. Pelo que vos fico imensamente grato, como pela publicação desta. Assim ficará confundido o falso vigário de Cristo. Criado agradecido e admirador atento, Diretor do Reformatório

Baiano de Menores Delinqüentes e Abandonados (AMADO, 1997, p.15).

Padre José Pedro é marginalizado em relação aos demais padres, pois sendo fiel a sua origem humilde toma partido da situação de miséria dos meninos, “[...] tinha sido operário e sabia como tratar os meninos. Tratava-os como a homens, como amigos. E assim conquistou a confiança deles, se fez amigo de todos, mesmo daqueles que, como Pedro Bala e o Professor, não gostavam muito de rezar (AMADO, 1997, p.69)”.

Por fim, encerra-se essa parte com os títulos da reportagem que o Jornal teria publicado em consequência da visita ao Reformatório Baiano, que o narrador informa ao leitor que tomou toda a primeira página, dando o tom da parcialidade que o veículo assume:

Um Estabelecimento Modelar onde Reinam a Paz e o Tratado - um Diretor que é um Amigo - ótima comida - crianças ladronas em Caminho da Regeneração- Acusações Improcedentes- só um Incurrigível reclama - o Reformatório Baiano é uma grande Família – onde deviam estar os Capitães da Areia (AMADO, 1997, p. 15).

A partir daí segue-se a narrativa da trama que vem descortinar outras verdades para além da delinquência, em que os “capitães da areia” se mostram com toda a complexidade, suas dores e alegrias, seus amores e lutas pela sobrevivência, em meio à opressão. O que afirmamos estar em acordo com Fuentes ao citar Kundera, tecendo conjunturas sobre a “função” do romance: “Nada há de mais oposto ao espírito do romance, profundamente ligado à descoberta da relatividade do mundo, do que a mentalidade totalitária, dedicada à implantação de uma verdade única” (FUENTES, 2007, p. 85). Assim, o romancista Jorge Amado não se separa do cidadão, condensa em criação literária a denúncia, o drama e a poesia, como parte da militância política que assumira.

A opção do narrador pelos capitães da areia se dá em toda a narrativa, o que nos leva a defender a existência de um projeto de escrita engajada, que os retira da condição marginalizada e eleva-os à condição de poetas da cidade:

Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando ponta de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas (AMADO, 1997, p. 21).

Em Jorge Araújo vislumbramos semelhante tecitura romanesca, ao valer-se do gênero “biografia” tida, certamente, como muito mais confiável que o gênero romance, oferecendo ao leitor no que podemos chamar de epílogo da obra *Cinco Balas Contra a América*, a biografia dos protagonistas no capítulo “Bala Final”. Como se fosse a última “carta na manga” do narrador que se propões ao diálogo com o contexto sócio-histórico como projeto de construção da verossimilhança.

Parece-nos que o narrador deseja ir além das linhas do narrado, convidando o leitor a ampliar por meio da ficção o olhar sobre o contexto revolucionário do país, jogando com luzes e sombras, criando a ambivalência. Ao que Hutcheon chama de característica semântica relacional da ironia, que se dá no sentido de estratégia que vai além de operar entre os dois eixos, dito/não dito, abrange a participação dos envolvidos no processo: ironista / interpretadores / alvos. O significado ocorre como resultado do desempenho desses três elementos, não se podendo separar as “dimensões semântica e sintática da ironia, dos aspectos sociais, históricos e culturais de seus contextos de emprego e atribuição” (HUTCHEON, 2000, p.36).

Traçando um paralelo entre as duas obras em estudo, lemos em *Cinco Balas Contra a América*, inicialmente, a epígrafe “Aos olhos daqueles que fundam impérios, os homens nada mais são do que ferramentas.” (Napoleão Bonaparte). O que entendemos como posicionamento sociopolítico do cidadão-escritor manifesto em relação à trama fictícia. Metaforizado, conforme Abdala Júnior (1989) em “... imagem que seja ação, sem tolher a imaginação, a criatividade.” (p.15). Pois sabemos, boa intenção não basta!

Em diálogo com a epígrafe de abertura, lemos nas páginas finais da obra:

O imperialismo tem sempre seus lacaios, pensou consigo, são os seus tentáculos, os kamikazes dispostos a derrubar os primeiros obstáculos, acrescentou mais um argumento ao seu revolucionário raciocínio, senão nunca teria o braço tão longo. Tão poderoso. (ARAÚJO, 2008, p.125).

Observando que essa reflexão é do personagem-chefe do grupo, apelidado como Zapata, nome de um revolucionário mexicano, mas na verdade, o nome de batismo do personagem é Salazar, que se sabe, foi um ditador

português. O que compreendo como jogo ficcional que instaura a ironia e brinca, “com seriedade”, com a proximidade e semelhança existente entre um revolucionário defensor da nacionalidade e um ditador opressor.

Notamos que entre aspas são dadas, ironicamente, informações do tipo “combatente da liberdade da Pátria”. (p.135), ao biografar o Comandante Zero. “Esqueceu o seu nome de guerra, enterrou a palavra camarada e passou a responder pelo seu nome de batismo: Salazar António dos Santos”. (p.136), ao referir-se ao personagem Zapata.

A ambivalência, neste texto, deve-se em grande parte à estratégia do uso da ironia pelo narrador, através da característica semântica relacional, definida por Hutcheon (2000), e a meu ver, entre as outras características, a que nos leva a ter uma compreensão maior do termo ironia, além do entendimento comum, dado pela definição do dicionário ou das gramáticas.

A característica semântica relacional da ironia se dá no sentido de estratégia que vai além de operar entre os dois eixos, dito/não dito, abrangendo a participação dos envolvidos no processo: ironista / interpretadores / alvos. O significado ocorre como resultado do desempenho desses três elementos, não se podendo separar as “dimensões semântica e sintática da ironia, dos aspectos sociais, históricos e culturais de seus contextos de emprego e atribuição”. (HUTCHEON: 2000, p.36)

É preciso sublinhar que não buscamos apenas as similaridades e as diferenças entre Amado e Araújo, mas, principalmente, entender como se processam os interdiscursos no âmago das obras literárias. É este, portanto, um exercício de leitura numa perspectiva intertextual, já que o conceito de intertextualidade construído por Kristeva (1974), fundamentado em Bakhtin, é de que a intertextualidade designa o processo de produtividade do texto literário que se constrói como absorção e transformação de outros textos.

A propósito do efeito obtido pelo jogo entre a realidade histórica e a ficção, convém lembrarmos a discussão proposta por Étienne Balibar e Pierre Macherey, para quem a obra literária pode funcionar como reflexo da realidade indo além da mesma, pela construção de imagens e construção/desconstrução de ideologias. Assim, “[...] o texto literário produz ao mesmo tempo um efeito de realidade e um efeito de ficção, privilegiando ora um ora outro, interpretando um pelo outro e inversamente, mas sempre na base deste par (1979, p. 42)”. (Grifos

dos autores). Mediante o que convidamos Fischer a completar esse pensamento, por meio da defesa de que “quer embalando, quer despertando, jogando com sombras ou trazendo luzes, a arte jamais é uma mera descrição clínica do real (1971, p. 19)”.

À luz dessa imbricação dialética interno/externo que movimenta a narrativa e mobiliza o leitor é que entendemos que se constroem as obras de Amado e Araújo, que faz com que os dois insiram no gênero romance os gêneros carta, reportagem, biografia, tudo confluindo a um mesmo fim: “[...] a produção dos efeitos literários no conjunto histórico das práticas sociais” (BALIBAR e MACHEREY, In SEIXO, 1979, p. 28).

Assim Araújo segue biografando as suas personagens, sobre Bob nos informa desde o abandono da escola e a ida a Paris à custa da aposentadoria que “o pai recebia de Portugal, das Alfândegas no Período Colonial [...]” à tentativa na carreira musical, da qual “desistiu no dia em que o seu ídolo, Bob Marley, morreu vítima de cancro” (grifo do autor). Após o que se atira aos estudos, formando-se em Jornalismo na Sorbonne, e arremata: “Foi um dos muitos repórteres de guerra mortos, em 2006, no Iraque, mais precisamente na cidade portuária de Basra (Araújo, 2008, p.137)”.

Bastante ilustrativas do empenho de Araújo em imbricar a realidade do romance e a realidade social, são as informações sobre a personagem Aristóteles, que após abandonar o PAIGC, o pai ter sido preso e levado ao campo de concentração do Tarrafal,

[...] apostou tudo na religião, tornou-se num dos mais fervorosos adeptos de uma seita brasileira que estava a cativar as almas de grande parte dos mindelenses. Foi expulso quando descobriram a sua homossexualidade. Emigrou para a Bélgica. Agora é um famoso travesti no bar Stars of Paradise, na cidade de Antuérpia [...] (Araújo, 2008, p. 139).

Temos, então, a verossimilhança construída não como imagem do mundo, mas como reflexão sobre o mesmo, que pede um leitor que assuma o compromisso de ir além do texto, valendo-se dos referenciais históricos para construir o sentido, como copartícipe de um mesmo universo, o humano.

3. Conclusão

Propusemos a leitura de como Jorge Amado apresenta e envolve o leitor na narrativa romanesca com teor de “verdade”, ao se utilizar dos gêneros reportagem e carta, trazendo a polifonia pelas vozes de opressores e oprimidos no palco da ficção. Buscamos explicitar o processo de construção literária em que se pretende criar efeitos de denúncia social.

Na mesma perspectiva lemos Jorge Araújo que biografava as personagens misturando história e ficção em diálogo profícuo com nomes que figuraram na História Oficial de vários países, como ditadores e revolucionários. O que aponta para o papel de autores como intelectuais comprometidos, que pela arte da palavra reconstróem a realidade, que integrados ao mundo fazem da criação ferramenta de luta. Conforme nos ensina Abdala Júnior, lembramos que o efeito artístico-ideológico dessa estratégia envolve a tudo, matéria e referente histórico, não se restringe temporalmente.

Portanto, as leituras de obras dessa natureza não se esgotam, pelo contrário, atualizam-se a cada leitura, pois pelo jogo ficcional se dá a abertura ao imaginário do leitor, como proposta de coautoria.

4. REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, História e Política**. São Paulo: Ática, 1989.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ARAÚJO, Jorge. **Cinco Balas Contra a América**. São Paulo: Editora 34, 2008.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: A Representação Da Realidade Na Literatura Ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BALIBAR, Étienne e MACHEREY, Pierre. “**Sobre a literatura como forma ideológica**”. In: *Literatura, significação e ideologia*. Lisboa: Arcádia, 1976.

BERGANO, Edvaldo. **Ficção e convicção: Jorge Amado e o neo-realismo literário português**. São Paulo: Editora UNESP, 2008. *Literatura, significação e ideologia*.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Livraria duas cidades, 1986.

DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento: de Pascoal a Sartre**. São Paulo: Edusc, 2002.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

FUENTES, Carlos. **Geografia do Romance**. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Trad. Júlio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1999.